

## A POLÍTICA NACIONALISTA DO ESTADO NOVO E A COMUNIDADE ITALO-BRASILEIRA NO JORNAL A RAZÃO<sup>1</sup>

### *THE NATIONALIST POLITICS OF THE NEW STATE AND THE ITALO-BRAZILIAN COMMUNITY IN THE NEWSPAPER "A RAZÃO"*

Cátia Regina Calegari Dalmolin<sup>2</sup>  
Maria Medianeira Padoin<sup>3</sup>

#### RESUMO

O Estado Novo, implantado em 1937 por Getúlio Vargas, traz consigo uma preocupação com as colônias estrangeiras do país, principalmente da Região Sul, preocupando-se ainda com a criação de um estado único, no qual fossem banidas as diversidades regionais e prevalecesse somente a identidade brasileira, consolidando, dessa forma, o Estado Nacional Moderno Brasileiro. As conseqüências da eclosão da Segunda Guerra Mundial serão fortemente sentidas em todo o país, inclusive na região de Santa Maria e da Quarta Colônia, em que se processa, a partir desse momento, mudanças consideráveis. Nessa região destacou-se o Jornal *A Razão*, que com suas reportagens, informava toda a comunidade sobre os acontecimentos do Estado e da Nação. Suas matérias por vezes, demonstravam forte cunho político, e muitas vezes, eram acobertados atos covardes e de selvageria. A população foi claramente dividida pelo jornal em brasileiros e estrangeiros, quem não servia ao país era seu inimigo, devia ser punido.

**Palavras-chave:** estado novo, nacionalização, quarta colônia de imigração italiana do Rio Grande do Sul.

#### ABSTRACT

The New State, implemented in 1937 by Getúlio Vargas, brought a concern about the foreign colonies in the country, mainly in the southern region. It was also worried about the creation of an only state where regional diversities were banished and the Brazilian identity could prevail consolidat-

<sup>1</sup> Trabalho final do Curso de Especialização em História da América Latina: O Cone Sul - UNIFRA.

<sup>2</sup> Professora Especialista

<sup>3</sup> Orientadora

ing, this way, the Modern Brazilian National State. The consequences of the eruption of the World War II would be strongly felt in the whole country, including in Santa Maria and in the region of Quarta Colônia where considerable changes have been processed since that moment. In such a region, the newspaper “A Razão” was noticed due to its news reports informing the community about the events going on in the State and in the Nation. Its reports were sometimes characterized by a strong political viewpoint and, many times, coward and rough acts were concealed. The population was clearly divided between Brazilians and foreigners by the newspaper, and those who did not serve the country were considered enemies and were supposed to be punished.

**Key words:** New State, nationalization, Quarta Colônia of Italian immigration in Rio Grande do Sul.

## INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial, com a expansão dos regimes totalitários, teve ecos muito importantes no Brasil, pela política populista e nacionalista adotada por Vargas, especialmente no Estado Novo, na qual, processa-se o encaminhamento da consolidação do Estado Nacional Moderno Brasileiro. Com o Estado Novo, há uma maior preocupação com o perigo que as colônias estrangeiras do país, principalmente do sul, possam representar à consolidação desse Estado, uma vez que essas seguiam as tradições da cultura trazida da pátria-mãe.

Nesse contexto, os meios de comunicação exerceram um papel primordial para alavancar o pensamento populista de Vargas. Em Santa Maria e região, destacou-se o Jornal A Razão<sup>4</sup> que, com suas reportagens, informava toda a comunidade sobre os acontecimentos do Estado e da Nação.

Neste estudo, busca-se, portanto, analisar as manifestações dessa política nacional e internacional na região central do Rio Grande do Sul, especialmente em Santa Maria e na *Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul*, utilizando como fonte principal os jornais A Razão dos anos de 1938, 1942 e 1943. Para uma maior fidelidade aos textos originais manteve-se a grafia da época.

---

<sup>4</sup> O Jornal A Razão, foi criado em 9 de outubro de 1934 por Clarimundo Flores, em Santa Maria existindo até hoje como meio de informação para a região central do Rio Grande do Sul.

## A IMIGRAÇÃO ITALIANA NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL

A Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, para melhor abrigar os imigrantes italianos, dividiu-se, no ano de 1875, em quatro principais núcleos coloniais: Conde D' Eu, Dona Isabel, Campos dos Bugres e Colônia Silveira Martins que hoje são respectivamente Garibaldi, Bento Gonçalves, Caxias do Sul e a conhecida *Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio do Sul*, esta última abrangendo atualmente, em termos políticos, os municípios de Silveira Martins, Ivorá, Faxinal do Soturno, Nova Palma, Dona Francisca, São João do Polêsine, Pinhal Grande, Agudo e Restinga Seca.

A *Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul* foi criada em 1877 para receber imigrantes vindos do norte do Itália. Convém ressaltar que a sua primeira designação foi *Quarta Colônia Imperial*, sendo este termo usado a fim de caracterizar as localidades de Silveira Martins, Arroio Grande e Vale Vêneto, porém, hoje, em termos políticos, ela compreende nove municípios, dos quais seis são analisados neste trabalho: Silveira Martins, Ivorá, Faxinal do Soturno, Nova Palma, Dona Francisca e São João do Polêsine<sup>5</sup>.

À época, que este trabalho se propõe a analisar, os municípios ainda não estavam constituídos. O primeiro núcleo a tornar-se município foi Faxinal do Soturno no ano de 1959. Nesse período, portanto, encontraremos, nesta região, subprefeitos que acumulavam também a função de subdelegados, resolvendo, desta maneira, os problemas mais urgentes da colônia. As localidades desta região dividiam suas terras entre três municípios: Cachoeira do Sul, Santa Maria e Júlio de Castilhos. Ao primeiro município pertenciam as localidades de Faxinal do Soturno, Dona Francisca e São João do Polêsine; ao segundo, Silveira Martins e ao terceiro Ivorá e Nova Palma<sup>6</sup>. Dessa forma, cada localidade, no período do Estado Novo, dependendo a que município pertencia apresenta diferentes subdelegados ou subprefeitos.

A *Quarta Colônia*, no período, estava composta em sua grande maioria de imigrantes e descendentes de italianos que haviam saído da Itália para buscar uma vida melhor no Brasil.

É importante entender o processo político-social pelo qual o Brasil atravessa até sua culminação no Estado Novo em que a partir deste mudanças consideráveis começarão a manifestar-se na região central do Rio Grande do Sul.

<sup>5</sup> SPONCHIADO, Breno Antonio. 1996. Imigração & 4a Colônia. Nova Palma & Pe. Luizinho. Santa Maria: UFSM, p. 68.

<sup>6</sup> ANTONELLO, Ide. 1995. Quarta Colônia: como atrativo turístico e cultural. Monografia do Curso de História. Santa Maria: FIC, p 15.

## O “ESPÍRITO NACIONAL” E SUA CONSOLIDAÇÃO NO ESTADO NOVO

A política adotada pelo Estado Novo, implantado pelo presidente Getúlio Dornelles Vargas, a partir de 1937, acarretará fortes conseqüências a Santa Maria e à *Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul*, a partir deste momento as diversidades étnicas serão vistas de maneira diferenciada.

SGANZERLA (2001) expressa de forma clara que: “A integração, como fator de unidade e independência nacional, justificou-se pela proposta de eliminar as diferenças étnicas que existissem na população brasileira e de criar uma nação homogênea, com uma única língua e uma única cultura(...) Getúlio Vargas buscava, com a política de nacionalização, a constituição de um Estado único, no qual as diversidades regionais passassem a ser atores coadjuvantes, ao lado do protagonismo reservado à identidade brasileira”<sup>7</sup>

O “espírito nacional” que tomava conta do País transparecerá fortemente no jornal santa-mariense *A Razão*, no qual mesmo de forma tênue, as reportagens enfocando italianos começam a ser vinculadas por este no ano de 1938, com a implantação do Estado Novo e da política de nacionalização no ano seguinte, por Getúlio Dornelles Vargas. Nesse ano, essas estão centradas na nacionalização do ensino, tendo esta como uma *Obra de patriotismo*<sup>8</sup>

A nacionalização era tida como algo bom e necessário ao país. No artigo *A nacionalização do ensino*, vê-se que: “A nacionalização do ensino, inspirada no princípio da unidade patria, constituiu sem duvida, uma obra de alta envergadura para a consolidação do espirito de brasilidade que o Estado Novo se propôz cimentar nas populações brasileiras(...) Permitimos o funcionamento de escolas, dentro do nosso país, que apenas ensinavam outras linguas, as de origem dos imigrantes que se instalaram nas regiões em que se achavam elas localizadas. Como conseqüência dessa licenciosidade impatriótica tivemos de assistir ao espetáculo doloroso de brasileiros, homens e mulheres, crescerem sem saber falar o nosso idioma. Com isso permitiamos a perigosa floração de outras localidades dentro do nosso territorio patrio, com escolas que só ministravam o ensino de linguas estrangeiras e cujos alunos, estudando idiomas diversos do nosso, moldariam em seus caracteres uma mentalidade incompativel com os nossos sentimentos de brasilidade”<sup>9</sup>

<sup>7</sup> SGANZERLA, Cláudia Mara. 2001. A Lei do Silêncio: Repressão e nacionalização no Estado Novo em Guaporé (1937-1945). Passo Fundo: UPF, p.41.

<sup>8</sup> 1938. *A Razão*. Santa Maria. 22 abr., p.3

<sup>9</sup> 1938. *A Razão*. Santa Maria. 27 mar., p.3

No início, a difícil adaptação dos imigrantes italianos fez com que escolas estrangeiras surgissem. Os professores, por vezes, eram os próprios membros da comunidade que ensinavam as crianças em italiano, língua falada também no dia-a-dia. Isso começou a inquietar os brasileiros, que com a política nacional de Vargas, começaram a olhar estas colônias com outros olhos.

Outras reportagens encontradas no Jornal estudado reforçam este pensamento. Exemplo disso é *Nenhuma escola particular, no Rio Grande, poderá ser subvencionada por governo estrangeiro!*, salientando que: “Foi assinado, hoje, à tarde, pelo Coronel Cordeiro de Farias, interventor federal o decreto de nacionalização do ensino no Estado (...) Entre outros e varios considerando diz o aludido decreto que os governos anteriores permitiram a fundação no Estado, de centenas de escolas em que se desconhece o idioma do pais e que, servindo a um nucleo de população de origem estrangeira, constituem um serio embaraço á integração nacional das novas gerações (...) Nas escolas primárias particulares, em que se lecionar lingua estrangeira, haverá sempre um ou mais professores do Estado, designados pela secretaria de Educação para o ensino de português, historia e geografia patrias e para ministrar tambem a educação fisica...”<sup>10</sup>

As proibições mais rígidas aos estrangeiros começaram a partir da implantação desse Decreto assinado pelo Interventor Federal, Cel. Oswaldo Cordeiro de Farias. Com a visão de que era preciso fechar as escolas estrangeiras que representavam uma ameaça à política nacionalista de Vargas, uma vez que essas cultuavam outra língua e cultura que não a brasileira. Nesse ano, o Decreto 406 proibiu, entre outras coisas, o uso da língua estrangeira a menores de 14 anos, deu ênfase à figura da bandeira nacional nas festividades escolares e ao uso das disciplinas de História e Geografia do Brasil, seguindo-se de outros decretos e mais proibições<sup>11</sup>

Essas medidas adotadas pelo Estado Novo atingem diretamente a comunidade italo-brasileira, e seguem, a partir daí, outras proibições aos “não-brasileiros”, pois segundo PETRONE (1990) “As medidas de *nacionalização* implicaram principalmente na obrigatoriedade do uso da língua portuguesa. (...) as medidas atingiram, (...) as escolas nas quais o ensino era ministrado em outro idioma que não o português. Tais escolas foram fechadas, ou sofreram intervenção, o ensino passou a ser ministrado exclusivamente em português.(...) foi proibido o emprego do dialeto italiano (...) O imigrante (...) agora via-se psicologicamente atingido por outros problemas envolvendo a noção de *brasilidade* com o *falar brasileiro*, o emprego do dialeto,

<sup>10</sup> 1938. A Razão. Santa Maria. 8 abr., p.1

<sup>11</sup> KREUTZ, Lúcio.2000. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al.500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autentica, p.365

ou do italiano especialmente durante a guerra- de *Quinta colona*, de traidor do país, associada à de fascista<sup>12</sup>.

Sobre o tema também podemos constatar no Jornal A Razão a publicação *Obra de patriotismo*. A matéria dizia: “Examinando sob qualquer aspecto merece todos os elogios, como verdadeiro gesto de brasilidade, o ato do governo da Republica proibindo as atividades politicas de elementos estrangeiros no territorio nacional (...) não poderíamos permitir por mais tempo, a infiltração de agentes politicos do exterior, que aqui vinham pregar idéias adotadas em suas terras e conquistar adéptos(...) É a grande obra de fortalecimento da nacionalidade traçada pelo Estatuto do Estado Novo. O Brasil continua aberto áqueles que aqui vierem trabalhar, animados de boas intenções. Mas fecha as suas portas para todos os que pretendem exercer atividades que resultem em intranqüilidade e desagregação”<sup>13</sup>

Ainda em 1938, o Jornal publicava *O governo regulamentou a entrada de estrangeiros no país!*. Segundo esta, o governo fazia sérias restrições à entrada de qualquer pessoa que apresentasse algum tipo de deficiência física ou mental e ainda, criou um Selo de Imigração, por meio do Conselho de Imigração e Colonização, em que os estrangeiros residentes no país deveriam ser legalizados no prazo de 120 dias e qualquer material em outra língua precisaria de um registro no ministério da Justiça.<sup>14</sup>

À medida em que a política estado-novista de Vargas tomava corpo, os ânimos se exaltavam cada vez mais, e em maior quantidade vinculavam-se reportagens sobre os “estrangeiros”. Era a “reação contra os propósitos dos países fascistas e nazistas sobre a nacionalidade”<sup>15</sup>

O ano de 1942 não foi diferente, pois, observa-se que a primeira matéria do Jornal desse ano, intitulou-se “*As raças que preponderam na formação da população santamariense*”, trata sobre as etnias de maior predominância entre a população de Santa Maria, entre elas, há um “destaque” especial a “zona colonial” de Silveira Martins (na época pertencendo a este município), na qual, neste período, a grande maioria de sua população éra de italianos e descendentes de italianos. A matéria salienta o uso das línguas estrangeiras escrevendo que: “Com a exceção do elemento alemão e italiano, as demais camadas imigratorias adotaram a nossa propria língua, sendo raro o descendente das outras nacionalidades que conheça o idioma do país de origem. E mesmo entre descendentes de alemães e italianos, residentes na sede, há elementos que se distinguiram pelo seu espirito de brasilidade, como

<sup>12</sup> PETRONE, Pasquale. 1990. Italianos e descendentes do Brasil: escola e língua. In: BONI, Luis de (org). A presença Italiana no Brasil. Porto Alegre:EST; Torino: Fondazione Giovanni Angelli, v.2 p.619-620

<sup>13</sup> 1938, A Razão. Santa Maria. 22 abr, p.3.

<sup>14</sup> 1938, A Razão. Santa Maria. 6 mai, p.3.

<sup>15</sup> Idem. ibid, p.3

os há também, que nascidos no Brasil, assinam documentos e se proclamaram estrangeiros. No sentido de desagregação e do amolecimento do espírito nacional (...), Santa Maria felizmente, não tem fato algum a registrar, por enquanto. O mesmo não acontece, infelizmente, em relação ao emprego e uso da língua nacional por certos elementos alemães, italianos ou descendentes residentes na cidade e no interior do município. Basta que dois desses italianos (...) se encontrem nos cafés, nas ruas, nos clubes, nos campos de futebol para que travem desde logo, a língua de seu país de origem. Sabem tão bem quanto nós manejar a nossa língua, mas preferem trocar cumprimento ou palestrar numa língua estrangeira. Todos devem saber o que isso representa para a formação do espírito de brasilidade de que o país precisa para zelar pela sua própria existência. Há uma zona colonial no município de Santa Maria, há poucos quilômetros da sede, que apresenta características de acentuada curiosidade(...) E se ainda tiver dúvidas, poderá tomar o ônibus e alcançar a pitoresca localidade. Passageiros e condutores, desde que o ônibus dá o sinal de partida e mesmo antes, começam a falar em italiano, dando a impressão de que o veículo corre por terras mussolinianas. Em Silveira Martins a coisa é mais intensa. Fala-se o italiano nas casas comerciais, nos cafés, na igreja, nas ruas, nas oficinas, em toda a parte. Os cumprimentos usuais são trocados em italiano. E há crianças, mesmo muitas, que ainda não aprenderam a falar a língua do seu país”.<sup>16</sup>

Fica claramente expressa nessa matéria a preocupação do jornalista em salientar em qual localidade, da região central, mais fortemente vigorava a língua estrangeira, uma vez que tais manifestações eram proibidas e repreendidas e, em seu pensamento, poderiam representar uma ameaça “aos brasileiros”. Se o projeto nacionalista de Vargas pretendia, como já foi salientado, homogeneizar a língua e a cultura da população brasileira, não poderiam existir diferenças étnicas. Nesse momento, portanto, esta situação representaria uma anomalia ao projeto estado-novista. Para que tal projeto tivesse êxito era preciso iniciar pelas escolas, principalmente as étnicas que valorizavam uma outra cultura que não a brasileira.

Os reflexos dos acontecimentos da década de 1940, principalmente do tocante a Segunda Guerra Mundial, foram fortemente sentidos na região estudada. Com o afundamento dos navios brasileiros e a conseqüente declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo, os estrangeiros e descendentes foram fortemente perseguidos e punidos, principalmente no ano de 1942.

Em Santa Maria, esse ano foi marcado por fortes manifestações de cunho político, foram diversas “caravanas de brasilidade”, com comícios, passeatas, discursos inflamados das autoridades santa-marienses e ataques

<sup>16</sup> 1942. A Razão. Santa Maria. Jan, p.10.

do jornal local aos chamados “Quinta-colunistas”<sup>17</sup>, bem como, total apoio às atitudes adotadas pelo governo estadual e federal. Formaram-se na cidade vários movimentos como: a “Ala Democrática da Mocidade”<sup>18</sup> que dava apoio ao governo brasileiro e combatia o fascismo e o “Movimento dos italianos livres”, objetivando “a reunião dos italianos livres, no sentido de combater o fascismo universal e oferecer irrestrito apoio à causa aliada”<sup>19</sup>

Para entender melhor os acontecimentos que sucederam ao rompimento do Brasil com os países do Eixo, convém relacionarmos um trecho da reportagem *O rompimento das relações diplomáticas e comerciais do Brasil com a Alemanha, Itália e Japão e os estrangeiros nacionais desses países*. Ela traz as Instruções Gerais baixadas pelo chefe da polícia do Estado do Rio Grande do Sul, tenente-coronel Aurélio da Silva Py, proibições que atingiram também a comunidade ítalo em Santa Maria e na *Quarta Colônia*. A matéria mostra-nos que aos estrangeiros, e também seus descendentes, não era permitido: “a) Viajar de uma localidade para outra sem licença da polícia (salvo-conduto); b) Reunirem-se, ainda que em casas particulares e a título de comemoração de caráter privado (...) c) Discutirem ou trocar idéias em lugar público, sobre a situação internacional; d) Mudarem de residência sem prévia comunicação à Polícia; e) Viajarem, por via aérea, sem licença especial da Polícia; f) Obterem licença para andar armado e registrar armas, ficando, nesta data, cassados todos os registros e autorizações concedidas anteriormente para o porte de armas; g) Obterem licença para negociar armas, munições ou material de explosivos ou que possam ser utilizados na fabricação de explosivos, ficando, igualmente cassadas, nesta data, todas as licenças anteriormente concedidas para esse fim...”<sup>20</sup>

Na noite de 18 de agosto de 1942, Santa Maria viveu momentos de grande tensão: estabelecimentos de descendentes alemães e italianos foram totalmente depredados pela população. Depois do acontecido, o *Jornal A Razão* noticiava os pedidos *Ao povo de Santa Maria*,<sup>21</sup> de empresas e/ou pessoas físicas que haviam sido atingidas pelo quebra-quebra. Nesses anúncios ficava claro que tais pessoas e estabelecimentos eram brasileiros e que nada tinham a ver com o Eixo.

<sup>17</sup> Termo largamente utilizado pela imprensa a fim de designar os súditos do Eixo: Alemanha, Itália e Japão. É importante mencionarmos que neste período na região estudada, os termos: “estrangeiro”, “Quinta-colunista”, “Quinta-coluna”, “não-brasileiro”, entre outros, são termos utilizados para fazer referência aos italianos e também a seus descendentes, não havendo distinção entre estes. Ambos são tratados como italianos, mesmo os que haviam nascido no Brasil e que possuíam somente sobrenome estrangeiro. Prova disso, foi o quebra-quebra a estabelecimentos, tidos de “italianos” e “alemães” que aconteceu em Santa Maria.

<sup>18</sup> 1942. *A Razão*. Santa Maria. P.7

<sup>19</sup> Idem. *Ibid*, p.7

<sup>20</sup> 1942. *A Razão*. Santa Maria. 30 de jan., p.4.

<sup>21</sup> 1942. *A Razão*. Santa Maria. 23 ago., p.3

Pela imprensa local este “ato de selvageria” foi tratado como “extraordinária e excepcional exaltação patriótica” apenas como uma resposta “a traiçoeira afronta totalitária”. Segundo o jornal, “... a população de Santa Maria está vivendo momentos de extraordinária e excepcional exaltação patriótica, exteriorizando, através de calorosas manifestações públicas, o seu protesto contra as agressões covardes e sanguinárias desferidas á dignidade do Brasil, pelo barbarismo totalitario. O comicio de ante-ontem, realizado por iniciativa da classe ferroviaria e ao qual associou a população em geral, foi, em verdade um acontecimento memoravel, de civismo e ardor patriotico. O povo incorporou a caravana, que se distendeu, ocupando varias quadras. Num ambiente de extraordinaria exaltação patriotica, falaram diversos oradores, em diversos pontos da cidade. (...) A repulsa da multidão á traiçoeira afronta totalitaria também se manifestou em diversos atos de revide. Assim apesar de todas as medidas de vigilancia de precaução adotadas pelas autoridades policiaes, foram depredadas numerosas casas comerciais e fabricas de propriedades de subditos do eixo, bem como de simpatisantes. Muitos objetos retirados de residencias de elementos descendentes dos países totalitários e brasileiros foram levados, pelos populares, para o chafariz da Praça Saldanha Marinho e ali mergulhados.”<sup>22</sup>

De todas as reportagens analisadas, uma em especial, chama-nos mais atenção. Seu conteúdo é nitidamente “racista”, xenófobo, deixando claro a posição do jornalista com relação aos italianos e seus descendentes. O Jornalista Paulo Mendes escreve que: “Em relação á alimentação e á higiene é simplismente inacreditavel o que ainda ocorre entre a população dos distritos coloniais. Familias inteiras têm por alimentação folhas amargas de ‘radicce’ preparadas com pedaços de toucinho. Sem distrações adequadas á simplicidade do seu espirito e ainda tendo á frente ameaças que eles não podem compreender, os colonos fecham-se no mais escuro quarto da casa e se entregam á cachaça. (...) Daí os estrabicos, os surdos, os cegos, os mudos, os imbecís, os cretinos, os incapazes de que a colonia está cheia. Nas imediações da vila de Silveira Martins, eu conheço familias inteiras em que todas as pessoas são anormais. Em Vale Veneto, (...) encontrei um verdadeiro ambiente de cemitério, com quasi cadaveres se arrastando pelas ruas. Tudo isso, como é natural, influe para que o fanatismo encontre facilidade de devastação entre os colonos”<sup>23</sup>

Podemos tecer algumas considerações sobre tal reportagem e, nos perguntarmos: Qual a real intenção do jornalista ao escrever esta reportagem? Ela faz parte do contexto de nacionalização criado pelo Estado Novo no qual se procuravam destruir as diferenças, ou ela foi escrita com um

<sup>22</sup> 1942. A Razão. Santa Maria. ago., p.7

<sup>23</sup> 1942. A Razão. Santa Maria. 19 dez., p.2

cunho pessoal de denegrir os “italianos”, devido talvez a um inimigo político ou pessoal? Por que o jornalista usa tais adjetivos (estrábicos, surdos, cegos, mudos, imbecis, cretinos) para fazer referência aos “italianos” e passa impressão de estar muito preocupado em ridicularizar os costumes destas pessoas?

Nessa reportagem, o jornalista tenta explicar o que ele chama de “fanatismo” que penetra facilmente entre a comunidade dos colonos.

As perseguições aos estrangeiros acirravam-se cada vez mais, tanto pessoal, como na imprensa local que “era bombardeada” por reportagens que pretendiam, cada vez mais denegrir a imagem dos ítalo-brasileiros. As prisões, na região de Santa Maria e na *Quarta Colônia*, aconteciam em grande parte aproveitando-se de “desafetos” que eram denunciados, o que posteriormente acabaria, mesmo sem delitos e averiguações, em prisão.

O Jornal A Razão noticiou alguns fatos interessantes e muitas notícias a respeito de italianos, “Quinta- Colunistas”, que foram presos, “...por declarar que não era brasileiro...”<sup>24</sup> ou por “...ofender a bandeira brasileira...”<sup>25</sup> ou ainda por “...ofender as autoridades policiais...”<sup>26</sup>.

Outras perseguições também aconteceram e muitas outras prisões, porém algumas importantes como as 19 pessoas de Dona Francisca que foram levadas para Cachoeira do Sul, ou ainda o senhor Serafim Moro que faleceu na prisão estranhamente não foram noticiados pelo jornal.

Sobre prisões encontrou-se nos arquivos do referido periódico sob o título *Nasceu em S. Martins afirmou, na delegacia de policia, que era italiano*, uma reportagem que conta a história de um agricultor que solicitou um salvo-conduto para viajar, identificou-se como de nacionalidade italiana, porém era nascido em Silveira Martins, mas em função disso foi preso.<sup>27</sup>

Segundo DILLENBURG (1995), em *Tempos de incerteza*, os italianos e seus descendentes também tiveram seus telefones cortados, canceladas as inscrições de associados ao Conselho da Ordem dos Advogados, bloqueadas suas contas bancárias, confiscado seus bens a fim de indenização pelo afundamento dos navios brasileiros, cassadas as autorizações dos bancos estrangeiros, confiscados seus aparelhos de rádio e quem possuísse bens deveria vendê-los a brasileiros<sup>28</sup>.

Dentro do processo de construção de uma identidade brasileira, pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, algumas localidades que possuíam nomes estrangeiros tiveram que “abrasileirá-los”. A respeito pode-se encontrar, a reportagem *Serão Abolidos Os Nomes Estrangeiros De Todas As Localidades Brasileiras*, uma parte da Legislação Nacional que instituiu a revisão da

<sup>24</sup> 1942. A Razão. Santa Maria. 22 abr., p.7.

<sup>25</sup> 1942. A Razão. Santa Maria. 30 abr., p.7.

<sup>26</sup> 1942. A Razão. Santa Maria. 18 ago, p.7.

<sup>27</sup> 1942. A Razão. Santa Maria. 29 jan

<sup>28</sup> DILLENBURG, Sérgio Roberto. 1995. Tempos de incerteza. Porto Alegre: EST

nomenclatura das localidades brasileiras. Esta medida tinha “uma preocupação pela nacionalização da nomenclatura geográfica”. A Legislação determinava que “os novos nomes não sejam estrangeiros(...) e que se prefiram nomes de propriedade local, sobretudo os indígenas”<sup>29</sup>

Ivorá, que em língua indígena, significa “Rio da Praia Formosa”, foi o nome escolhido para substituir o nome do núcleo de Nova Udine. A localidade de Novo Treviso chegou a chamar-se, por pouco tempo, de Vasconcellos Filho.

Por tudo isso, a partir desse momento começa a se processar um forte declínio na forma da comunidade ítalo-brasileira expressar sua cultura, seja pela oralidade, pela música seja mesmo pelas festas. Havia um medo generalizado de manifestar-se e ser preso, além é claro, da “humilhação”, que isso representava. Esses imigrantes e/ou descendentes italianos passaram a ser controlados pelas autoridades brasileiras a fim de que fosse assegurada a “ordem”, qualquer palavra, em outra língua que não o português, era motivo de prisão, não importando quem fosse a pessoa que havia cometido tal “agressão à pátria”.

Assim, as Sociedades de “Socorros Mútuos” Italianas foram muito visadas nesse período, uma vez que essas exerciam um papel relevante dentro da comunidade ítalo-brasileira, representando uma maneira de cultivar as tradições trazidas da Itália, de reação contra o abandono que aqui se encontravam ou, simplesmente com uma ajuda financeira àqueles que passavam por dificuldades.

## AS SOCIEDADES DE “SOCORROS MÚTUOS” ITALIANAS

As Sociedades Mutuais Italianas de Santa Maria e da *Quarta Colônia* constituem um caso muito importante a ser registrado. A vida social na Colônia, girava basicamente em torno dessas Associações. Havia Associações com organização e funções diferentes, ou seja, não uniformes.

A maioria das Sociedades classificavam-se como independentes, ou seja, não mantinham vínculos com sociedades italianas que tinham sede em Roma<sup>30</sup>. A maioria das mutuais serviam como um local de encontro a seus associados. Estas sociedades, na região pesquisada, quanto a seus objetivos classificavam-se em dois tipos “mútuo-socorro recreativa-cultural” e “recreativa-cultural”. A primeira prestava ajuda a seus sócios, podendo apresentar fins culturais e recreativos. Na região de Santa Maria e da *Quarta Colônia*, exemplos desse tipo de mutual é a “*Umberto Primo*”, de Silveira

<sup>29</sup> 1943. A Razão. Santa Maria. 28 out., p.7

<sup>30</sup> GIRON, Lorraine Slomp. 1994. As sombras do Littorio O Fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parêntese

Martins e a “*Società Italiana di Mutuo Soccorso*”, de Santa Maria. As sociedades “recreativas-culturais” caracterizavam-se por não possuir um programa de auxílio financeiro a seus associados, funcionavam para reuniões, festas e encontros dos colonos italianos. Como exemplo, na região, tem-se a “*Duca degli Abruzzi*”, de São Marcos.

Apesar da enorme importância dessas sociedades para a vida da comunidade italo-brasileira, encontrou-se no Jornal A Razão apenas reportagens que falam sobre a “doação” do prédio da Sociedade Italiana de Santa Maria ao governo do Estado.<sup>31</sup>

Na primeira notícia intitulada *Doado ao governo do Estado o patrimonio da antiga Sociedade Italiana de S. Maria*, salienta-se que: “...os associados da antiga Sociedade Italiana de S. Maria acabam de dissolver essa entidade, fazendo doação do seu patrimonio ao governo do Estado, sugerindo que o edifício de dois pavimentos, onde a mesma funcionava(...) seja aproveitado para a instalação do Centro de Saúde...”<sup>32</sup>

Alguns depoentes contestam a versão da doação dessa entidade. Levando-se em consideração as circunstâncias, pode-se fazer um questionamento sobre tal assunto.

Após intenso trabalho dos descendentes dos fundadores e sócios dessa sociedade, em 1996, o prédio foi doado pelo governador do Estado aos descendentes de italianos de Santa Maria e atualmente abriga a sede da Associação Italiana de Santa Maria (AISM).

Estranhamente as outras sociedades nunca foram noticiadas pelo jornal. Não houve referência com relação a troca de nome da *Associazione di Mutuo Soccorso Umberto I° Fra Gli Operai Italiani* de Silveira Martins, em 1938, nem a demolição do monumento histórico e, conseqüentemente, a dissolução da Sociedade Italiana *Luigi Amadeo di Savoia Duca Degli Abruzzi*, em 1942.

## CONCLUSÕES

As medidas de nacionalização, implementadas por Getúlio Vargas, durante o Estado Novo em 1937, tornaram, principalmente o uso da língua portuguesa obrigatória e atingiram inicialmente as escolas. Talvez sua característica mais forte para os italianos e italo-brasileiros fosse o processo, cada vez maior de aculturação que começou a se travar, mais fortemente, a partir desse momento, embora outras medidas já houvessem sido tomadas, anos anteriores com esta mesma finalidade.

<sup>31</sup> Leia mais sobre a doação do prédio da Sociedade Italiana de Santa Maria nas edições de 7,14 e 20 de maio de 1942, bem como em 23 de abril de 1943.

<sup>32</sup> 1942. A Razão. Santa Maria. 7 mai., p.3

Com a política estado-novista procurou-se a consolidação do Estado Nacional Moderno Brasileiro. Para tanto era preciso destruir as diferenças, unificar a língua e tudo o mais que não estivesse de acordo com tal política. Dessa forma, as “colônias estrangeiras”, principalmente do sul do país, representavam uma ameaça a este projeto, uma vez que seguiam as tradições da cultura trazida da pátria-mãe e não da brasileira. Precisava-se partir do regional para construir uma identidade única nacional, a identidade brasileira.

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a conseqüente expansão dos regimes totalitários, os “estrangeiros” serão cada vez mais perseguidos, reprimidos e “enquadrados” na política interna e externa. Em Santa Maria e na *Quarta Colônia*, existiram vários casos de injustiças praticadas contra estes italo-brasileiros. Alguns eram militantes ativos da Ação Integralista Brasileira, e foram perseguidos mais intensamente, porém muitos eram presos injustamente, por denúncias que, muitas vezes, não eram nem sequer averiguadas. Às vezes, ainda bastava simplesmente possuir um sobrenome estrangeiro para ser perseguido e preso.

A fim de assegurar a “ordem”, os chamados “Quinta-colunas” passaram a ser controlados. A tensão aumentou gradativamente, principalmente no ano de 1942, quando, em Santa Maria e na *Quarta Colônia*, pessoas foram presas, nomes de localidades foram abrasilizados, associações italianas ou abrasilizaram-se ou fecharam suas portas. Os italianos que, quando chegaram, foram tidos como sinônimo de progresso, a partir de então, passaram a ser vistos como “traidores da nação”. Havia um grande medo por parte das autoridades brasileiras de que fossem criados, dentro do Brasil, estados independentes. Por esse motivo, os italianos e italo-brasileiros, analisados neste trabalho, serão repreendidos e incorporados à “cultura nacional”.

Nesse contexto, a imprensa local, principalmente o Jornal *A Razão* era “bombardeada” com reportagem que expressavam o momento pelo qual o país passava. Muitas vezes seus jornalistas acobertavam atos covardes e de “selvageria” como o quebra-quebra, mencionado neste trabalho, que aconteceu em Santa Maria, tentando explicar tais atitudes como uma “resposta” a ataques estrangeiros ao Brasil. Outras vezes, fatos de grande relevância não foram mencionados e foi dada ampla cobertura para fatos pitorescos. Ficou claro que o jornal, por diferentes jornalistas que escreviam as matérias, dividiam a população entre brasileiros e estrangeiros. Quem não servisse ao país deveria ser punido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONELLO, Idê. 1995. **Quarta Colônia Italiana: como atrativo turístico e cultural**. Monografia do Curso de História. Santa Maria: FIC

DILLENBURG, Sérgio Roberto. 1995. **Tempos de incerteza**. Porto Alegre: EST.

GIRON, Loraine Slomp. 1994. **As sombras do Littorio o Fascismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Parlenda.

KREUTZ, Lúcio. 2000. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica.

PETRONE, Pasquale. 1990. Italianos e descendentes do Brasil: escola e língua. In: BONI, Luis de. (org). **A presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Angelli, v.2, p.603-626.

SGANZERLA, Cláudia Mara. 2001. A Lei do Silêncio: Repressão e nacionalização no Estado Novo em Guaporé (1937-1945). Passo Fundo: UPF.

SPONCHIADO, Breno Antonio. 1996 **Imigração & 4ª Colônia, Nova Palma & Pe. Luizinho**. Santa Maria: UFSM.

### FONTES IMPRESSAS:

OBRA de patriotismo. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 22 de abril de 1938, p.3.

A NACIONALIZAÇÃO do ensino. Nenhuma escola particular, no Rio Grande, poderá ser subvencionada por governo estrangeiro. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 8 de abril de 1938, p.1.

O GOVERNO regulamentou a entrada de estrangeiros no país. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 6 de maio de 1938, p.1.

BRANCO, Djalma Rio, **Jornal A Razão**, Santa Maria, As minorias estrangeiras, 6 de maio de 1938, p.3.

AS RAÇAS que preponderam na formação da população santamariense. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 01 de janeiro de 1942, p.10.

NASCEU em S. Martins afirmou, na delegacia de polícia, que era italiano. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 29 de janeiro de 1942, p.7

ESTABELECIDAS normas para seguir os simpatizantes do Eixo. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 30 de janeiro de 1942, p. 4

O ROMPIMENTO das relações diplomáticas e comerciais do Brasil com a Alemanha, Itália e Japão e os estrangeiros nacionais desses países. **Jornal do Comércio**. Cachoeira do Sul, 4 de fevereiro de 1942, s/ p.

É BRASILEIRO e fez questão de dizer que não é. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 22 de abril de 1942, p. final.

DOADOS o prédio e o terreno da antiga Sociedade Italiana. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 23 de abril de 1943, p.3.

PRESOS no interior do município, dois fanáticos do fascismo italiano. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 30 de abril de 1942, p. final .

DOADO ao governo do estado o patrimônio da antiga sociedade italiana de S. Maria. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 7 de maio de 1942, p.3.

APROVADA a dissolução da Sociedade Italiana de S. Maria. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 14 de maio de 1942, p.4.

AINDA a doação do edifício da Sociedade Italiana ao Estado. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 20 de maio de 1942, p.3.

CRIMINOSO ato de sabotagem praticado em Arroio do Só. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 12 de agosto de 1942, p 3.

OFENDEU as autoridades policiais de Silveira Martins. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 18 de agosto de 1942, p. final .

AO POVO de Santa Maria. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 23 de agosto de 1942, p.3.

OS PROBLEMAS da Colonia. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 19 de dezembro de 1942, p.2.

SERÃO ABOLIDOS Os Nomes Estrangeiros De Todas As Localidades Brasileiras. **Jornal A Razão**, Santa Maria, 28 de outubro de 1943, p. final.